

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

**A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR:
UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS LIVROS**

MAIDA APARECIDA DAMACENO DA COSTA

ANÁPOLIS-GO
2015

MAIDA APARECIDA DAMACENO DA COSTA

**A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR:
UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS LIVROS**

Artigo apresentado à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção de título de Especialista em Docência Universitária, sob orientação do Professor Me. Halan Bastos Lima

ANÁPOLIS-GO
2015

MAIDA APARECIDA DAMACENO DA COSTA

**A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR:
UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS LIVROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Pós-graduação em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

APROVADA EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Halan Bastos Lima
Orientador

Prof^a. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
Convidada

Prof. Dr. José Jivaldo Lima
Convidado

A Deus que permitiu que tudo isto acontecesse ao longo da minha vida, e não somente neste ano como discente de um curso de pós-graduação, mas em todos os momentos. Ele é o maior mestre que uma pessoa pode conhecer.

Sei que “tudo posso naquele que me fortalece” (FILIPENSES 4,13).

AGRADECIMENTOS

Ao realizar este sonho, me lembro de muitas pessoas a quem ressalto com meu reconhecimento, pois, esta conquista concretiza-se com a contribuição de cada uma delas, seja direta ou indiretamente. No decorrer dos dias, vocês colocaram uma pitada de amor e esperança para que neste momento findasse esta etapa tão significativa para mim.

A Deus, fonte de vida e libertação, que me inebria todos os dias no seu amor e me faz acreditar num mundo mais justo, mais humano e mais fraterno, crença essa que me mantém de pé todos os dias da minha vida. Sem Ele, não estaria aqui.

A minha família, que, de distintas formas, me incentivou na constante busca pelo conhecimento:

Ao meu esposo, por me apresentar a simplicidade, inculcando valores sem os quais jamais teria me tornado melhor pessoa, buscando de fato todos os dias, ser mais humana e sensível às necessidades dos outros. Sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

Aos meus dois filhos, que são a minha fonte de forças nesta longa trajetória de vida, permanecendo sempre presentes na partilha de minhas conquistas e frustrações:

Ao Alessandro, por todos os momentos maravilhosos, e por tudo que fez por mim, me ajudando nos momentos difíceis, sendo muito atencioso e estando ao meu lado em todas as horas, exemplo de amor e honestidade. Você filho se fez muito importante em minha formação.

Ao Eduardo, por estar sempre ao meu lado, principalmente nos momentos difíceis, me ajudou a superar as dificuldades da vida, me fazendo acreditar que vale a pena viver, sonhar e ter esperança. A sua capacidade de me entender e me amar, de me apoiar, a sua compreensão transformou a tarefa de elaboração deste trabalho numa caminhada de prazer.

Por fazerem dos meus sonhos os seus sonhos, muito obrigado, mesmo ciente de que quaisquer que sejam as palavras, jamais conseguirão expressar toda a minha gratidão e amor.

Aos professores do curso de Docência, que fizeram parte diretamente desta minha trajetória acadêmica, pelos ensinamentos que instigaram e fomentaram minhas reflexões e utopias a respeito do docente, no sentido de buscar a materialização de outro tipo de sociedade que, sobretudo, não abandone o pensamento reflexivo e contestador.

A todos docentes o meu obrigado. Por proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo *de formação profissional*. Pelo tanto que se dedicaram a mim. Não somente por terem me ensinado, mais, por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos *professores* dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Ao meu professor orientador Halan. Sua orientação segura e competente, sua maneira receptiva e aberta, seu estímulo constante, seu testemunho de seriedade e sua paixão à profissão de docente, permitiram-me concretizar este estudo. Agradeço também pela compreensão de meus limites e ousadias, auxiliando-me com sabedoria para a elaboração deste trabalho. Sobretudo, pela magnífica convivência e amizade. Sua maneira de ser e estar no mundo, muito contribuiu para minha formação. Obrigada pela confiança e pelos momentos de apropriação de conhecimento que obtive ao seu lado, acredite esse não será o último agradecimento que farei a sua pessoa, pois lhe serei grata para sempre. Sua competência profissional que, certamente servirá de espelho para minha conduta enquanto futura educadora.

Que se destine meu aluno à carreira militar, eclesiástica ou à advocacia, pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, sem padre; será primeiramente um homem.

Jean Jacques Rosseau

A HUMANIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: UMA EDUCAÇÃO PARA ALÉM DOS LIVROS

MAIDA APARECIDA DAMACENO DA COSTA¹
HALAN BASTOS LIMA²

RESUMO: Educar é um desafio. Trata-se de ir ao encontro de outro e transmitir-lhe conhecimento de tal maneira que passe a ser parte de si. O receptor do saber é um ser humano, por tanto, cada um diferente e único. Desta forma é preciso entender que ensinar é humanizar. É ir além dos livros, além da técnica, e enxergar a individualidade dos alunos, fazendo o conteúdo um pouco mais palpável e acessível, percebendo a capacidade que eles têm de ensinar ao mesmo tempo em que aprendem. Por isso é um desafio. Numa era globalizada, de disputa acirrada no mercado de trabalho, é relativamente fácil tratar o outro como um objeto, ou ter frieza nas relações que se constituem, ou ainda, fazer da arte de saber, ensinar e aprender, um tecnicismo, sem vida, que prepara para o mercado visando apenas resultados e lucros, em nada se relacionando com outras áreas das vidas dos alunos. Assim através destas considerações e observações buscou-se despertar o interesse sobre o tema, para ver o ensino superior como um lugar de formação integral e acompanhamento humano. Realizou-se nesta pesquisa uma revisão bibliográfica a respeito dos termos educação, humanização, e ensino. Também se levantou algumas considerações de autores que discorrem sobre o assunto, buscando compreendê-lo. Verificou-se ainda a importância da consideração do fator humano no ensino superior através da análise dos resultados das perguntas elaboradas pela autora a alunos do ensino superior. Este trabalho visou apresentar uma perspectiva atual do modo de ensinar, e a relação professor-aluno, sem almejar ser uma resposta pronta ou definitiva, mas estimular a reflexão para que o tema seja um diferencial às instituições e o seu respectivo corpo docente.

¹ Graduada em Administração. Especialista em Gestão de Pessoas e Psicologia Organizacional. Analista de Logística na empresa Brainfarma e tutora pela Universidade Norte Paraná. maidadacosta@hotmail.com

² Mestre em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente. Docente pela Faculdade Católica de Anápolis. fisio_halan@hotmail.com

Palavras-chave: Conhecimento e conteúdo. Humanização. Formação integral. Relação.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procurou demonstrar a importância de ir além do conteúdo didático presentes nos livros, vencendo a hegemonia do modelo de educação tradicional (centrado no professor), para poder garantir uma verdadeira humanização do ensino superior, dando lugar a um modelo de ensino que atinja os discentes como um todo, e que vá de encontro à pessoa humana e não só ao seu intelecto.

Os profissionais do ensino de uma maneira geral, lidam no seu dia a dia com pessoas, que trazem consigo uma bagagem intelectual, fruto de suas experiências, da sociedade e cultura em que se inserem, assim levá-la em consideração torna-se primordial e necessária. Neste sentido nos afirma Severino (2006, p. 03):

Nenhum profissional será efetivamente em sua prática histórica, apenas um técnico: ele será necessariamente um sujeito interpelado pela história, pela sociedade, pela cultura, pela humanidade, devendo dar-lhes respostas que vão muito além de seu desempenho puramente operacional no âmbito da produção.

No mundo globalizado as informações são rápidas e de exposição fácil, fazendo que, por vezes, as relações passem a ser construídas de maneira falsa e/ou fria. Deste modo, falar da humanização do ensino superior na era globalizada é falar também da facilidade de se ter uma relação professor-aluno somente técnica, onde o conhecimento pode ser visto como entrega de um conteúdo que não leva em consideração o receptor, transformando o ato de conhecer não em objetivo comum de professores e alunos, por isso em sala de aula, compreender o outro é, antes de tudo, uma arte que exige uma atitude de grande abertura e despojamento e, sobretudo uma sensibilidade hermenêutica (TRACY, 1995 apud TEIXEIRA, 1997).

Assim, através da pesquisa propôs-se buscar por meio de identificações e definições e de análise de campo, volver o olhar para o lado humano do ensino, apontando a necessidade de atingir com a presença em sala de aula a pessoa do

aluno, educando-o para os valores, para a vida e melhorando assim o seu desempenho.

Portanto, promoveu-se a reflexão buscando ser uma ferramenta para todos do corpo docente, apontando em linhas gerais como o verdadeiro ensino não se limita a conteúdos vazios e mortos, sem consideração das condições humanas dos alunos, mas também inclui o compromisso de formação integral do ser humano, levando-o em consideração cada indivíduo diante de si, e a realidade que o engloba.

Desta forma, teve-se como intuito, corroborar e evidenciar a importância da consideração do ser humano nas distintas dimensões que o compõe, para haver verdadeira e boa relação do corpo docente com o corpo discente, gerando assim, não somente formandos e profissionais para o mercado de trabalho, mas pessoas que assimilaram o conteúdo como parte de si e aprenderam concomitantemente a serem melhores seres humanos, transformando, deste modo, o ensino superior numa comunidade de vida e, concebendo a educação como ininterrupta reconstrução da experiência (BERNSTEIN, 1998 apud GÓMEZ; SACRISTÁN, 2000).

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Entende-se como pesquisa a atividade básica das Ciências na sua indagação e descoberta da realidade (MINAYO, 2004).

É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados (MINAYO, 2004, p. 23).

Gil (1999, p. 42) acredita que:

[...] a pesquisa tem um caráter pragmático, pois é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos [...]

A metodologia é o ponto chave do início de uma pesquisa, em que se desvendam os caminhos da pesquisa, que darão contorno ao esboço do marco teórico. A metodologia inclui as concepções teóricas da abordagem, o conjunto de

técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador (MINAYO, 2004).

Inicialmente, realizou-se uma breve pesquisa de revisão bibliográfica caracterizada como analítica, de caráter qualitativo. A pesquisa é bibliográfica, pois foi elaborada a partir de material já publicado, fundamentado principalmente em documentos ministeriais, livros e artigos de periódicos especializados. É documental, pois será a partir de materiais que receberam tratamento analítico (GIL, 1999).

A pesquisa do ponto de vista da forma de abordagem do problema é em sua natureza qualitativa. “A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados, das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2004, p. 22).

2.1 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário, composto de 08 questões, sendo todas fechadas e objetivas, aplicadas aos discentes de um curso de pós-graduação em Docência Universitária de uma IES de Anápolis-GO. Para iniciar a coleta de dados, foi apresentada à coordenação da IES pesquisada, uma carta de apresentação da pesquisa, solicitado autorização, e depois de concedida a autorização, os discentes entrevistados foram informados sobre os aspectos éticos da pesquisa e receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3 REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto atual de desvalorização do professor e descaso do aluno é importante valorizar a profissão docente e ao mesmo tempo nas práticas diárias de ensino valorizar o aluno, através de na medida do possível dar um tratamento individualizado para cada um, interagindo assim com ele, não fazendo do ensino algo mecânico e impessoal, alcançando a eficácia do processo formativo.

Portanto, trata-se de lançar um olhar sobre algumas definições e complementações do tema de alguns autores retirando conclusões que elucidem o tema.

Rosa (2000, p. 99) define educação como “desenvolvimento de todas as faculdades humanas; civilidade; cortesia; polidez”. É interessante notar portanto, que desenvolver todas as faculdades humanas significa ir ao encontro do ser humano, aluno, que se tem diante, como um todo, não só desenvolvendo as faculdades técnicas, pois nas práticas de ensino uma das grandes dificuldades tem sido a visão fragmentada do ser humano (PEREIRA & ALMEIDA, 2005).

Assim, simplesmente analisando de maneira breve a sociedade de um modo geral, percebe-se o individualismo como algo impregnado na cultura vigente, o que interessa é o meu, isso faz com que a interatividade das pessoas seja prejudicada, e seja deixado algo essencial a natureza humana, pois o ser humano é ser social, ou seja, relacionável, nesta perspectiva afirma-se que “ninguém educa sozinho, todos educamos no relacionamento” (FREIRE apud GANDIN, 1997, p. 94).

No contexto atual, de grandes mídias, de rapidez na informação, e da mão de obra especializada, a ação educacional pode facilmente ser transformada em indústria de saber caindo somente na preocupação de formar profissionais para o mercado de trabalho, transformando o ensino em mercadoria, porém, em detrimento de desenvolver todas as suas faculdades humanas, de dar-lhes uma formação integral e de cooperar com a verdadeira assimilação de conhecimento.

Daí surge à necessidade de não só dar, mas de produzir conhecimento, levando o aluno a uma reflexão crítica, provocando a sua sensibilidade dado que o ser humano, segundo Freire (2008), se encontra com obstáculos sociais ao longo da vida e a maneira de conseguir vencê-los é através da reflexão crítica.

Cury (2005) nomeou este modo de considerar o ensino chamando-o de co-responsabilidade inevitável, isso significa que no processo de educar do professor, e de aprendizagem dos educados é imprescindível levar em consideração que somos responsáveis uns pelos outros e com os outros, somos atuantes, não espectadores no processo de formação integral uns dos outros, há uma relação interpessoal. Pode-se entender que **“a educação é tudo que a humanidade aprendeu acerca de si mesma”** (COSTA, 2001, p. 02, grifo nosso).

Neste ponto, nota-se o fato de que a humanização proposta além dos conteúdos meramente teóricos é uma mudança de foco (CHAGAS, 2000). É, portanto, descentralizar o ensino superior da pessoa do professor e da grade teórica a ser cumprida, para focalizar a figura do aluno, na sua integridade e totalidade,

aluno que traz junto de si toda a carga cultural, humana, intelectual e espiritual que foi vivida por ele até estar nessa etapa de sua vida.

Porém, isso não significa que o professor não seja um componente fundamental no processo de ensino, mas que deve sair de si para ir ao encontro do outro, entendendo-o, buscando compreender para melhor formar, sendo humano e assim humanizando o outro, ensinando e aprendendo, suscitando interesse, valores e compromisso.

É dentro deste contexto que Esclarin (2006, p.192) afirma que:

[...] só ensinará realmente a aprender aquele que aprende de seu ensinar, isto é, aquele que submete à reflexão e crítica permanentes seu exercício de ensino para transformá-lo também em exercício de aprendizagem [...]

Significa, deste modo, que a educação proposta aqui busca ver a individualidade do outro para descobri-lo de maneira completa, dado que “**a educação é vista como um todo**” (NUNES, 2006, p.39, grifo nosso).

Já universidade é definida como “centro de cultura superior” (ROSA, 2000). Deste modo, cabe definir o que é cultura, e segundo Bueno (1996) dentre outras afirmações, são os costumes e valores de uma sociedade.

Pode-se perceber que o estudo assinala já algo primordial dentro do tema, formar um aluno de nível superior é formar também para os valores, assim, a educação universitária deve se preocupar na formação para a ética, para os princípios, para a cidadania.

O aluno leva tudo para a sala de aula, pode-se dizer em linguagem popular que leva toda sua **bagagem**, e é preciso considerá-la, pois para que se dê uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afetivo-volitiva (VYGOSTSKY, 1996, grifo nosso).

É importante um novo olhar para o aluno, para que o tempo de ensino seja tempo de formação, de crescimento intelectual e pessoal, e não um tempo de peso no qual se espera ansioso o fim para livrar-se de uma carga imposta sem consideração se é ou não capaz de levá-la, fazendo da aprendizagem não uma ação prazerosa, mas sim, um fardo.

Portanto, esse tipo de educação deve visar o ser humano, talvez, se possa dizer técnico e humanista, até pelo fato de muitas das vezes na profissão se deparar com que o conhecimento técnico fica falho diante do fator humano.

Chega-se então a necessidade de ver o que é humanizar. **Humanizar é tornar humano; tornar tratável; civilizar e civilizar por sua vez é “tornar bem-educado, cortês; instruir** (BUENO, 1996, p.142, grifo nosso).

Percebe-se desta maneira, que humanizar a educação significa deixá-la mais humana, ou seja, civilizar, fazer crescer nos valores, admitindo e levando em consideração, na medida do possível, todas as dimensões da pessoa, a disposição de tempo, o cansaço físico, a carga moral. Constitui ver cada aluno percebendo-o como um todo, não como uma parte, assim a pessoa humana que se tem diante dos olhos passa ser o centro de seu interesse, e a ciência passa ser vista como cultura e provocadora de cultura (AIKENHEAD, 2007).

Deste modo, o ensino humanizado atrai e “propõe-se esclarecer as coisas, e esclarecê-las significa deixar que se perceba sua bela luminosidade” (MARINA, 1995, p.71). Sendo assim, para que o ensino superior seja humanizado e humanizador, segundo aponta Freire (2008) é importante que se busque a formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade.

No entanto, se isso não chegar a acontecer, conforme nos descreve Codo e Gazzotti (1999, p. 50):

Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação deste no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas.

Percebe-se então através deste breve levantamento bibliográfico, com suas devidas considerações, como humanizar é preciso para se praticar uma educação superior de qualidade e diferenciada.

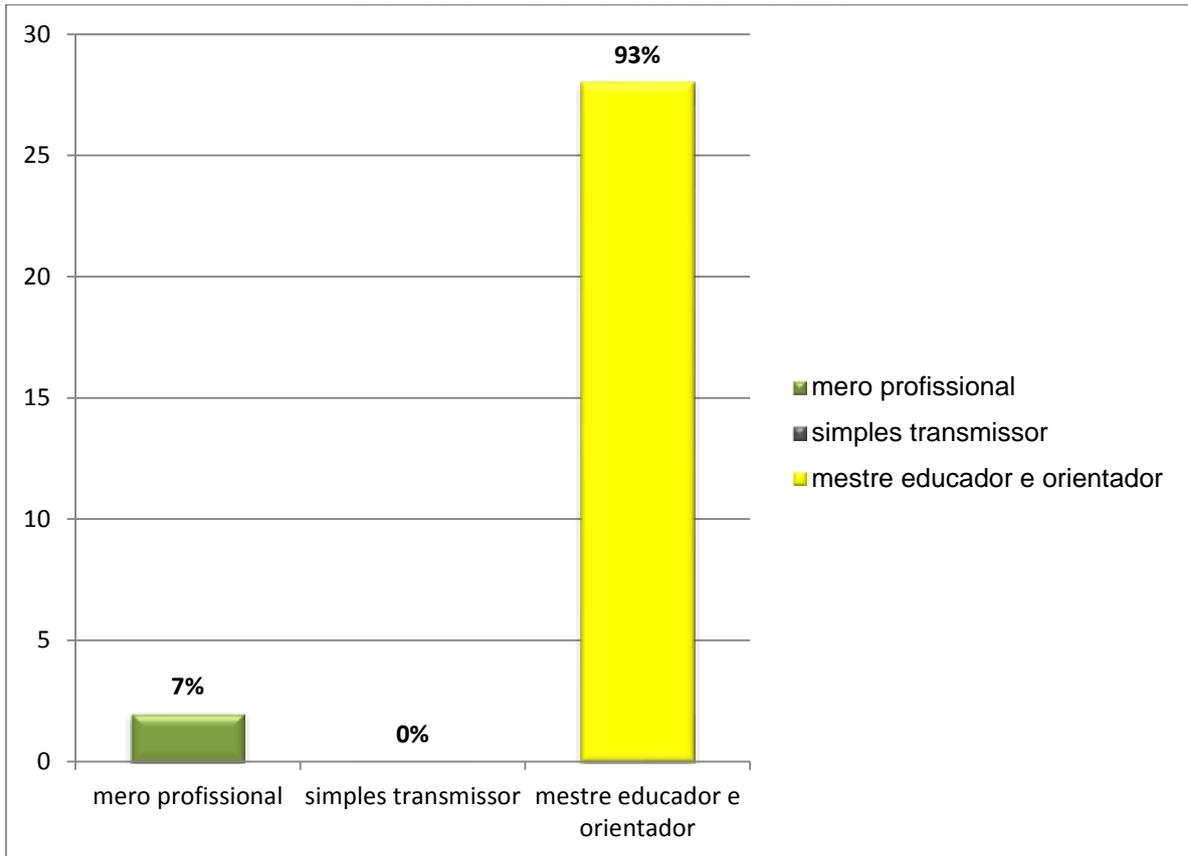
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a importância da humanização e fundamentando-se na base bibliográfica apresentada, analisaram-se as respostas do questionário apresentado a 30 discentes de um curso de pós-graduação em Docência Universitária de uma IES de Anápolis-GO.

A apresentação das perguntas em gráficos, bem como a análise posterior dos mesmos, através da comparação, é importante para subtrair os dados obtidos e ver de maneira conjunta as informações conseguidas. Neste sentido lembra Martinelli (2003, p. 27) que os “dados são fatos; em si não trazem grande significado; só depois que eles forem de alguma forma agrupados ou processados é que poderemos ver o significado ser revelado”.

Ver de maneira sucinta os resultados obtidos da pesquisa de campo, apresenta o pensamento e a realidade do corpo discente, mostrando o que avaliam como positivo ou negativo, necessário ou desnecessário e também as diferenças de julgamento entre si; para que deste modo, sendo levado em consideração, dê-se o início de uma efetiva humanização do ensino superior.

Primeiramente, os discentes entrevistados foram indagados sobre como eles enxergavam os professores (GRÁFICO 01). Surpreendente, o resultado demonstra que a maioria dos discentes entrevistados 93% vêem a figura do professor como um mestre educador e orientador. Mesmo dentro de sala de aula, onde o modelo hegemônico (bancário de formação) prevalece, o professor não é mais aquele detentor e mero transmissor do conhecimento, mais sim um articulador, orientador e medidor da arte de ensinar.

Gráfico 01 – O olhar sobre o Professor.

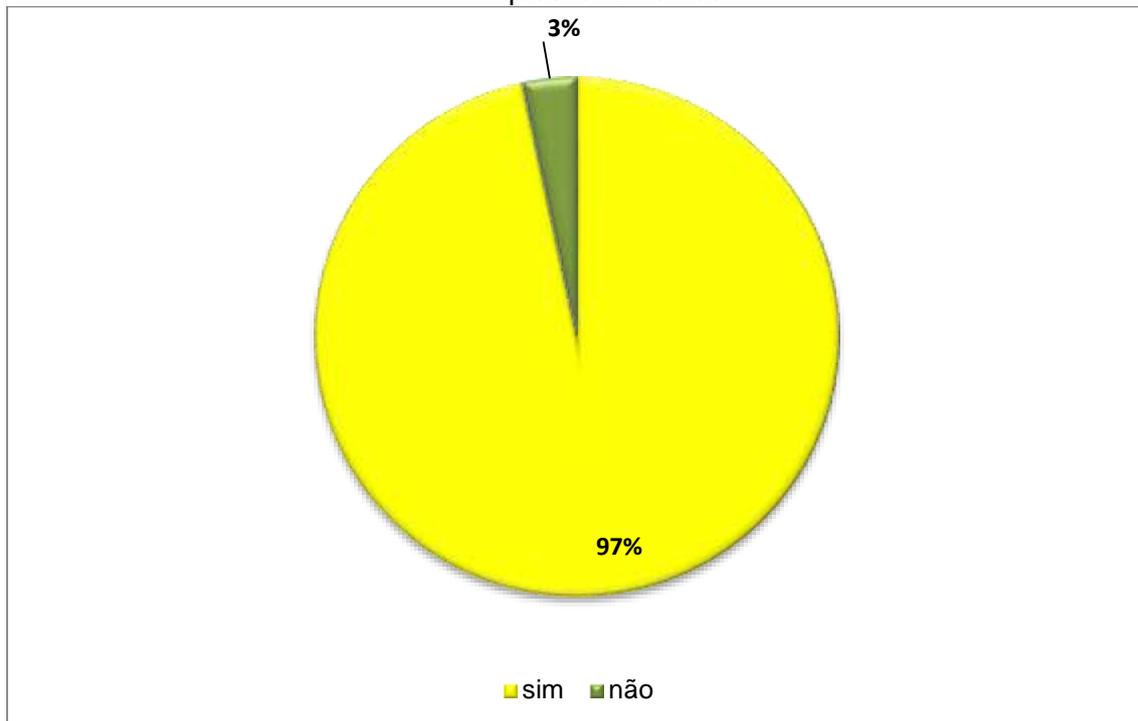
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Em seus estudos sobre o resgate do professor, Costa (2001, p. 23-24) vê o professor como um ser especial,

[...] mais do que um simples cidadão. É um cidadão produtor de cidadania, que atua na “fábrica” onde se produz a esmagadora maioria dos cidadãos que dão seguimento a construção deste país, que é a universidade. Por tudo isso, mais do que simplesmente transferir conhecimentos, o professor está chamado a viver a educação dentro e fora da sala de aula [...]

Em seguida, os discentes foram questionados sobre como era o posicionamento dos docentes frente ao esclarecimento de dúvidas (GRÁFICO 02). E o resultado demonstra que a maioria 97% dos discentes entrevistados apontam que os docentes estão abertos aos questionamentos, bem como, ao esclarecimento das dúvidas propostas.

Gráfico 02 – A Percepção dos discentes sobre o posicionamento do docente frente à questionamentos.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Neste contexto, Costa (2001, p. 27), propõe a seguinte reflexão: 'é imprescindível que tenhamos uma consciência límpida e madura do real papel que o docente precisa ter diante dos questionamentos dos educandos, de suas famílias e de toda a comunidade onde a escola está inscrita'. É preciso valorizar o conhecimento que é produzido no dia a dia das salas de aulas, articulando-o com o que é criado e fomentado na sociedade, superando a racionalidade científica positivista, e proporcionando assim, uma adequada formação aos discentes, onde o docente assume um papel decisivo na construção de uma sociedade mais solidária onde os discentes aprenderão a escutar.

Fischer (2008) aponta que o professor deve ter certo domínio do conteúdo de modo sistematizado, mas também é necessária a capacidade de ouvir, incorporar e dialogar com as experiências e conteúdos presentes já nos alunos. Portanto, a habilidade de adaptação e inserção do conteúdo respeitando a bagagem já contida no educando faz com que o docente esteja atento a uma formação completa do aluno.

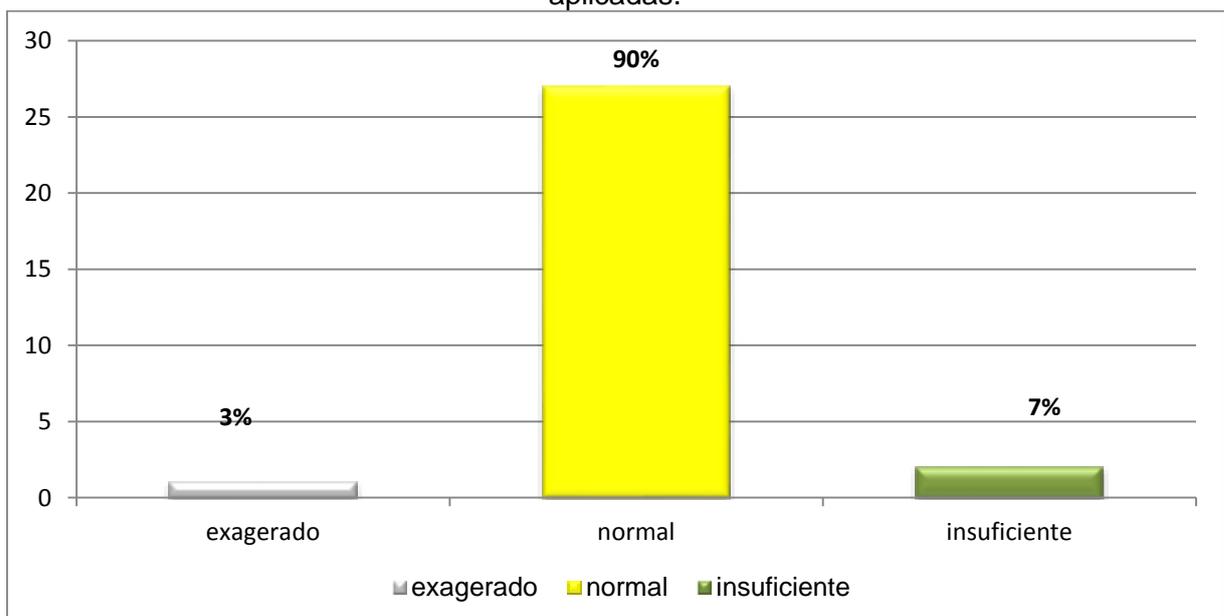
Diferentemente, Santos (2010, p. 03, grifo nosso), em seus estudos sobre a aprendizagem significativa, afirma que **o ato de aprender é fruto de esforço** onde:

Esse esforço precisa ser a busca de uma solução, de uma resposta que nos satisfaça e nos re-equilibre. Na medida em que nos preocupamos mais em dar respostas do que fazer perguntas, estaremos evitando que o aluno faça o necessário esforço para aprender. Eis o passaporte para a acomodação cognitiva. Dar a resposta é contar o final do filme. Poupa o sofrimento de vivenciar a angústia de imaginar diferentes e possíveis situações de exercitar o modelo de ensaio-e-erro, enfim, poupa o aluno do exercício da aprendizagem significativa [...]

Assim, segundo o mesmo autor, em **um mundo onde tudo já está pronto** a resposta faz sentido. Num contexto onde **o mundo está em construção**, as respostas prontas aos questionamentos dos discentes impedem a aprendizagem significativa (grifo nosso).

Posteriormente, quando questionados sobre a quantidade de atividades pedagógicas aplicadas pelos docentes (GRÁFICO 03), a grande maioria dos discentes 90% responderam que consideram normal o número de atividades aplicadas.

Gráfico 03 – A Percepção dos discentes sobre o número de atividades pedagógicas aplicadas.

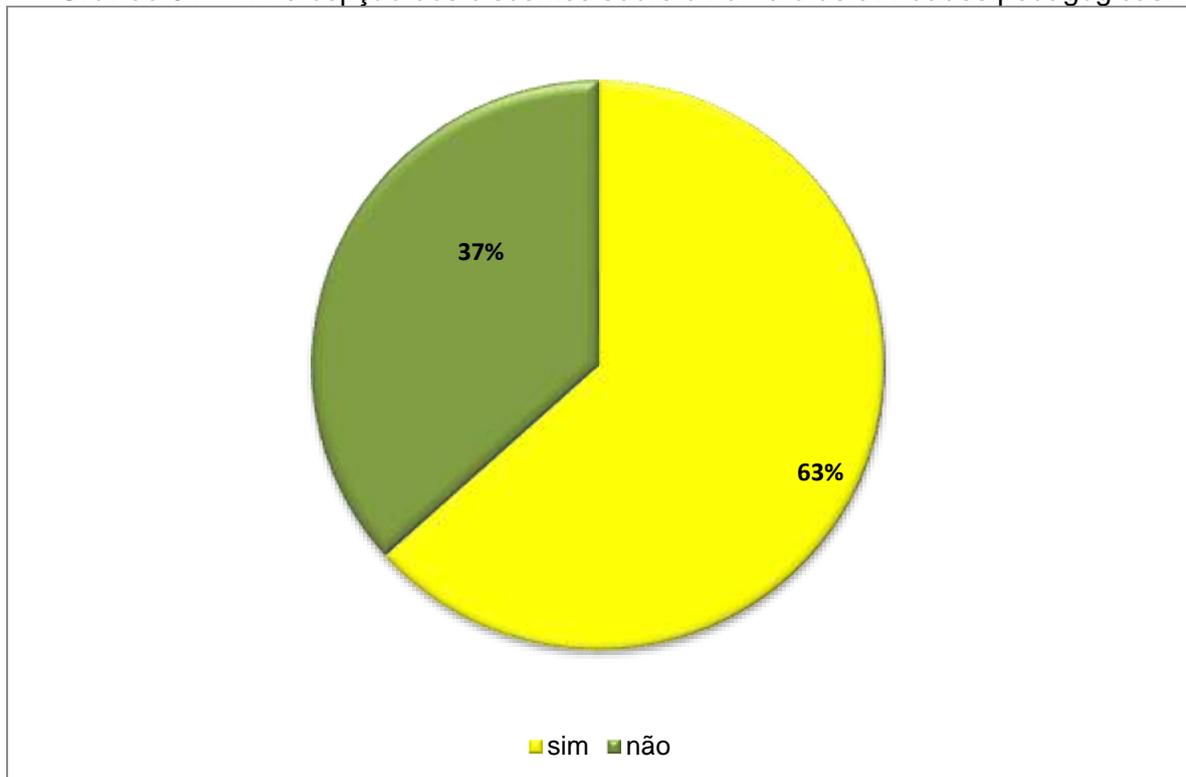


Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Para Santos (2010), na universidade, informações são passadas sem que os alunos tenham necessidade delas, logo, nossa função principal como professores é de gerar questionamentos e avaliações suficientes. As avaliações precisam produzir nos discentes à mais profunda reflexão sobre a importância do papel do sujeito que aprende.

Neste contexto, onde a avaliação aparece como grande protagonista da ação de avaliar os conhecimentos adquiridos, os discentes foram questionados sobre a natureza das atividades pedagógicas. Quando indagados se a aplicação de um número maior de atividades pedagógicas produziam um aprendizado mais eficiente, 37% responderam que não (GRÁFICO 04).

Gráfico 04 – A Percepção dos discentes sobre o número de atividades pedagógicas.



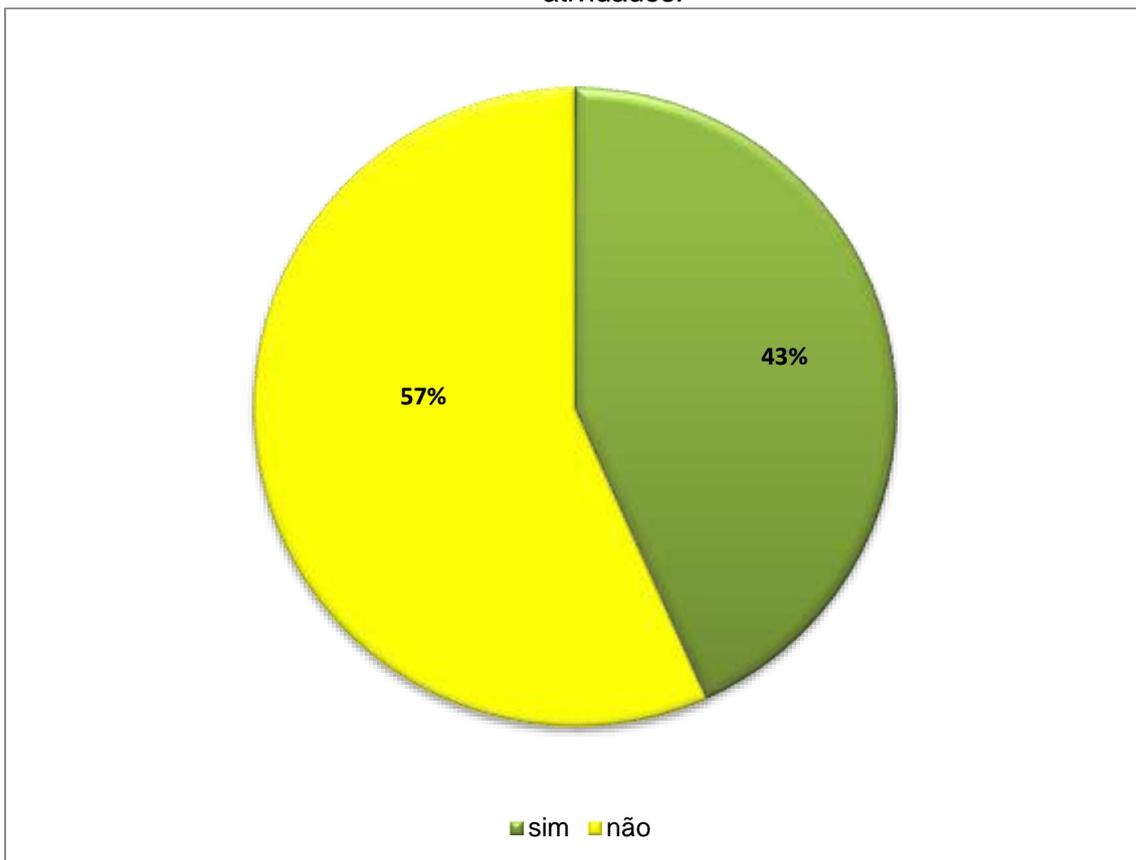
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

De acordo com Santos (2010), em um contexto de mundo inacabado e em constante mudança o docente não tem nenhuma avaliação a “dar”, mas sim a construir, junto com o aluno. Para o autor, aplicar várias atividades pedagógicas cansa, frustra e adocece os discentes.

Cansa porque precisamos manter os alunos quietos e prestando atenção em algo que eles, geralmente, não sentem a mínima necessidade de aprender. Para que eles supostamente aprendam (leia-se fiquem quietos, olhando para o professor), muitas vezes desprendemos uma energia sobre-humana, que vem geralmente acompanhada de frustração e desespero. A doença, é consequência direta dessa situação (SANTOS, 2010, p. 02).

Ainda dentro da temática 'atividades pedagógicas', quando questionados sobre a humanização e flexibilidade do docente ao se debater com fatores causadores de estresse dos discentes em dias de atividades, fatores de ordem pessoal, física, emocional e social, 43% dos discentes entrevistados afirmaram que estes fatores são negligenciados pelos docentes (GRÁFICO 05).

Gráfico 05 – A Percepção dos discentes sobre os fatores de estresse em dias de atividades.



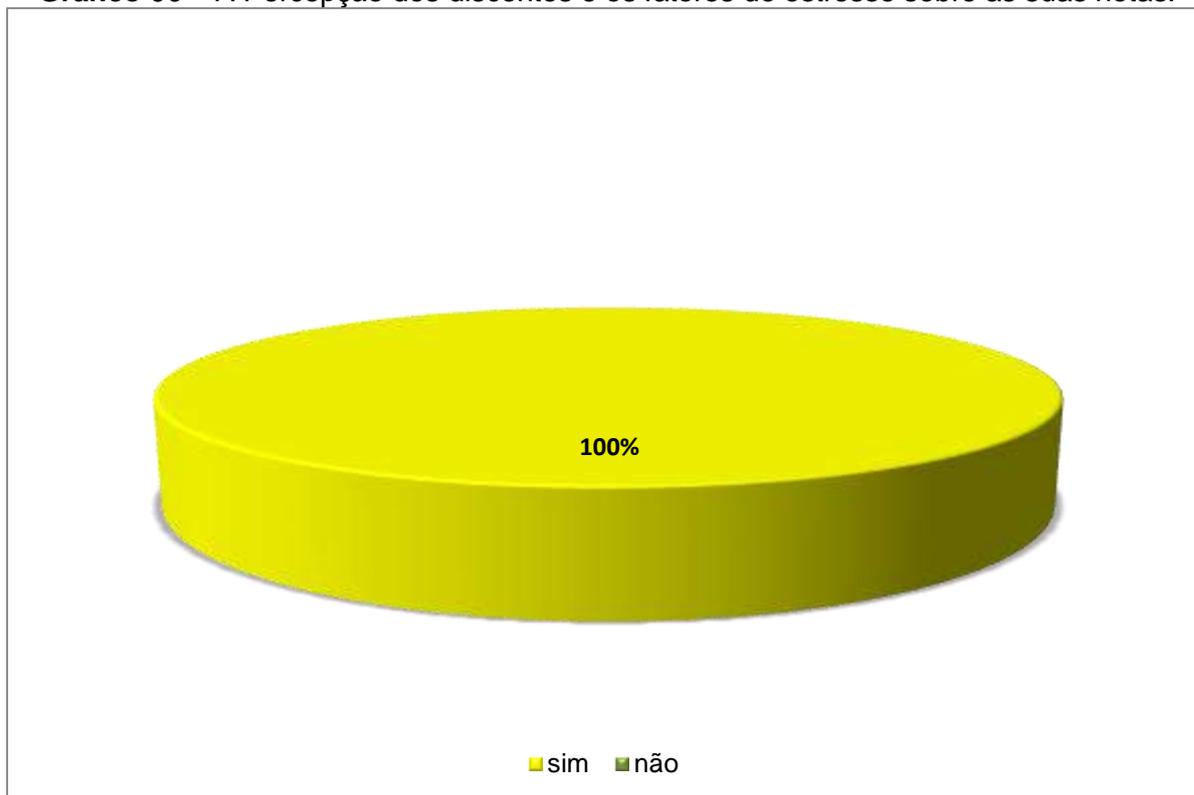
Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

Por tudo isso, mais do que ensinar e avaliar pedagogicamente o aluno, o docente está chamado a exercitar a humanização e a flexibilização de suas ações dentro e fora da sala de aula. Para isso, é imprescindível que o docente assuma

uma consciência límpida e madura do papel que se deve ter diante dos educandos, e da universidade onde o mesmo está inserido (COSTA, 2001).

Questionados sobre as cobranças sociais, familiares, as pressões da vida adulta dentre outros fatores de estresse, todos os discentes entrevistados afirmaram que sentem os reflexos negativos destes fatores sobre as suas notas (GRÁFICO 06).

Gráfico 06 – A Percepção dos discentes e os fatores de estresse sobre as suas notas.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

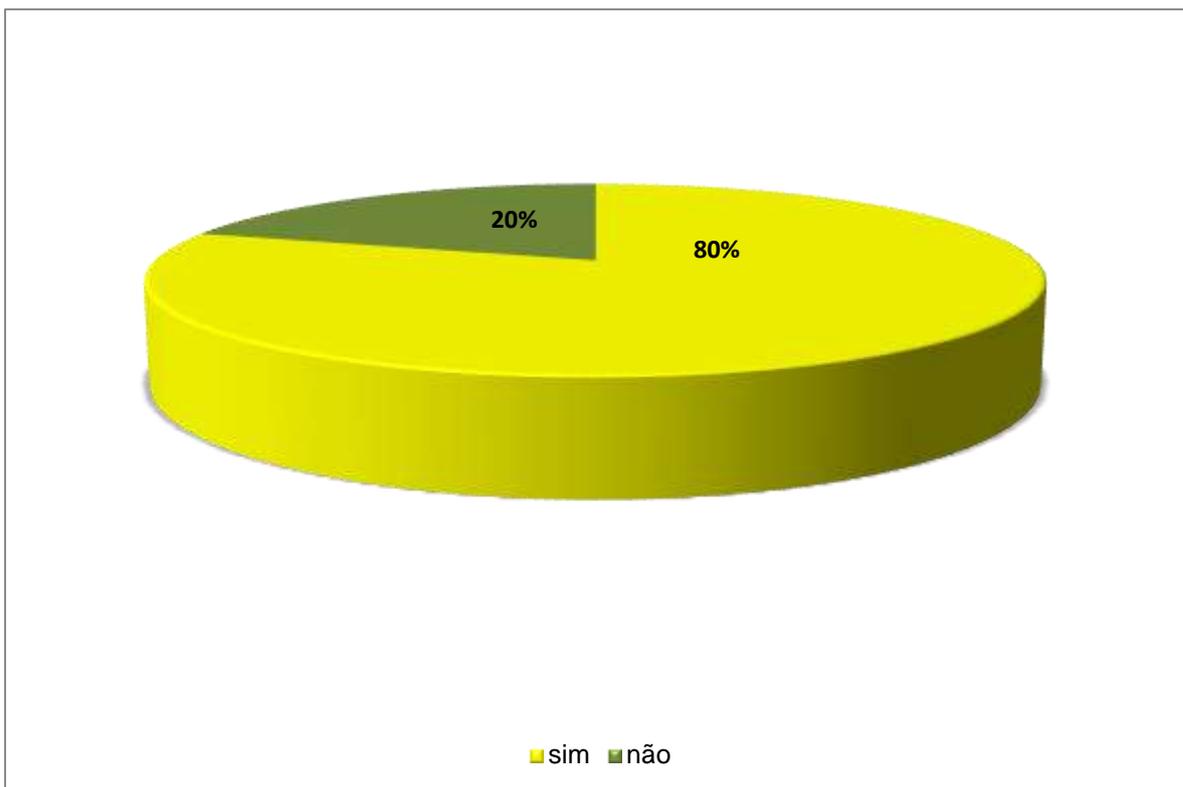
É preciso levar em consideração que esses fatores causadores de estresse implicam na forma como os discentes recebem as tarefas, as atividades e avaliações; ou seja, segundo Santos (2010), um aluno pode modificar seu interesse de uma tarefa para a outra ou de um professor para o outro, embora sejam observadas tendências para o uso de enfoques flexíveis. O que determina o desempenho dos discentes é a flexibilização interna usada para a aprendizagem significativa.

Torna-se importante ser sensível com a realidade a sua volta, respeitando-a e interagindo com a mesma, neste sentido Tracy (1995 apud TEIXEIRA, 1997, p. 47), aponta que:

[...] compreender o outro é antes de tudo uma arte que exige uma atitude de grande abertura e despojamento e, sobretudo uma sensibilidade hermenêutica, na medida em que a relação com o outro envolve sempre a possibilidade efetiva de apropriação de outras possibilidades [...]

Partindo desta perspectiva, e reconhecendo aqui a importância da aprendizagem significativa, quando questionados se os professores estimulavam o pensamento científico, 20% dos discentes entrevistados afirmaram que não eram estimulados (GRÁFICO 07).

Gráfico 07 – A estimulação do pensamento científico



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

A prática profissional do docente é considerada como uma prática intelectual e autônoma, não meramente técnica. É um processo de ação e reflexão

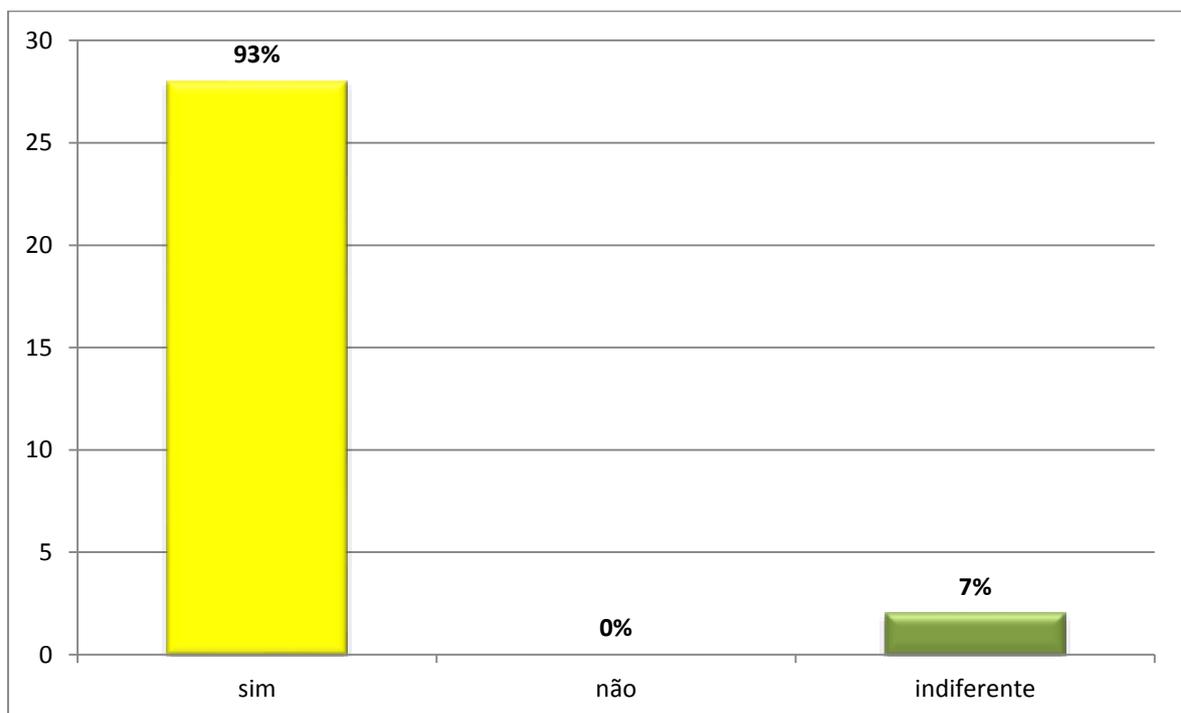
cooperativa de indagação e experimentação, no qual o professor aprende a ensinar e ensina porque aprende (GOMÉZ & SACRISTÁN, 2000).

Neste sentido, para que o pensamento científico possa ser estimulado é preciso que o docente desperte o interesse do discente. Para Santor (2010, p. 04), o papel do docente é desafiar o desinteresse do discente, onde:

[...] precisamos construir nossa forma própria de desequilibrar as redes neurais dos alunos. Essa função nos coloca diante de um novo desafio com relação ao planejamento de nossas aulas: buscar diferentes formas de provocar instabilidade cognitiva. Logo, planejar uma aula significativa significa, em primeira análise, buscar formas criativas e estimuladoras de desafiar as estruturas conceituais dos alunos. Essa necessidade nos poupa da tradicional busca de maneiras diferentes de apresentar a matéria. Na escola, informações são passadas sem que os alunos tenham necessidade delas, logo, nossa função principal como professores é de gerar questionamentos, dúvidas, criar necessidade e estimular o pensamento científico.

Finalizando o questionário, os discentes foram indagados sobre a humanização do estudo, onde 93% dos entrevistados afirmam considerar importante o processo de humanização para o estudo (GRÁFICO 08).

Gráfico 08 – A importância da humanização do estudo.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2015.

É possível perceber que existe uma preocupação dos discentes com relação a humanização da educação. Segundo Toniolo et Henz (2012, p. 03), ainda hoje,

Muitos professores parecem estar mais preocupados em “vencer conteúdos” do que trabalhar a vida, principalmente a humana na sua complexidade multidimensional, como o “conteúdo” principal, ligando todos os demais saberes e conhecimentos à formação e ao relacionamento humano.

Para o mesmo autor, a educação deve ser compreendida como um processo, onde experiências humanas são trocadas, vivenciadas, enriquecidas, numa convivência amorosa na relação professor-aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Humanizar é sair dos conceitos, e trazê-los para a vida do próximo de tal forma que os levem a realizar-se na sua concretude. É reconhecer a limitação a que está sujeito o ser humano, fazendo que professores olhem com sensibilidade para alunos e alunos com complacência para os professores, entendendo-se em sua totalidade, gerando novas relações em sala e melhor qualidade de ensino-aprendizagem.

Deste modo, através da releitura de conceitos e de contemplar a opinião dos agora alunos e futuros docentes, pode-se ver a necessidade desta sensibilidade que se faz positiva e produtiva, apontou-se assim, não uma resposta definida, invariável e infalível, mas uma interpelação que leva a olhar dentro de si e se traduz em proposta de caminho a seguir direcionado à melhoria de relacionamentos professor-aluno e assim, conseqüentemente, da qualidade de ensino.

Não se trata de defender somente o corpo discente, como se toda responsabilidade recaísse exclusivamente sobre o docente. Claramente há de se reconhecer que muitas vezes o profissional da educação não recebe o devido reconhecimento e valorização, porém, ainda assim são chamados a amar o que fazem e seguirem sua missão de educadores, transformando o ambiente de estudo em lugar propício para o desenvolvimento humano em sua totalidade, sentindo-se responsável pelo aluno.

Vive-se uma crise de valores e uma fragilidade nas relações humanas, que afeta o ambiente de ensino e o torna frágil e vulnerável, por isso voltar à atenção sobre este tema, fez-se necessário para perceber a largos rasgos que a educação humanizadora ultrapassa os livros, fortalece os laços e é capaz instigar o aluno a apropriar-se do saber oferecido e ao mesmo tempo utilizar estes e outros conhecimentos na prática, para realizar-se como pessoa de valores que colabora de alguma forma para o bem da sociedade.

Paulo Freire (2008, p. 35) relembra que “ensinar exige risco, aceitação ao novo, e rejeição a qualquer forma de discriminação”, abrindo-se assim a uma percepção mais ampla do mundo do aluno.

Para isso é preciso sair da comodidade e ter a coragem para ir ao encontro do universo ainda por descobrir que se apresenta por diante em sala de aula, deixando lugar para aprender com aqueles que são ensinados, consolidando um resultado positivo e gratificante para ambos os lados.

Estimular o encontro do outro e a abertura que compreende e busca fazer a diferença através das disciplinas dadas, transmitindo conteúdos e valores, e otimizando as relações professor-aluno no ensino superior foi o motivo de se propor o tema para rever o ensino por meio da óptica da humanização.

ABSTRACT: Education is a challenge. It is going to meet another and providing it with knowledge so that it becomes part of you. The receiver of knowledge is a human being, therefore, each different and unique. Thus one must understand that teaching is humanizing. It is going beyond books, beyond technique, and see the individuality of students, making content a bit more tangible and accessible, realizing that they have the ability to teach while they learn. So it's a challenge. In a globalized era of fierce competition in the labor market, it is relatively easy to treat the other as an object, or have coldness in relations which constitute, or even do the art of knowing, teaching and learning, a technicality, lifeless, preparing for the market targeting only results and profits, anything relating with other areas of the lives of students. So through these considerations and observations sought to arouse the interest on the topic, to see higher education as a place of integral human formation and accompaniment. It was held this research a literature review regarding the terms education, humanization, and education. Also it raised some considerations of

authors who talk about it, trying to understand it. There was also the importance of considering the human factor in higher education by analyzing the results of the questions prepared by the author for higher education students. This study aimed to present a current perspective the way of teaching, and the teacher-student relationship, without aim or ready to be a definitive answer, but stimulate thought to the topic is a differential to the institutions and their respective faculty.

Keywords: Knowledge and content. Humanization. Comprehensive training. Relationship.

REFERÊNCIAS

AIKENHEAD, G. S. Humanistic perspectives in the science curricula. In: ABELL, S. K; LEDERMAN, N. G (ed.) **Handbook of research in science education**. New York: Routledge, 2007.

BRZEZINSKI, I. **Profissão Professor: Identidade e profissionalização docente**. Brasília: Plano Editora, 2002.

BUENO, Francisco da Silveira. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. rev. E atual. Por Helena Bonito C. Pereira, Rena Signer. São Paulo: FTD: LISA, 1996.

CODO, W; GAZZOTTI, A. A. **Trabalho e afetividade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHAGAS, I. Literária científica: o grande desafio pra a escola. In: **Encontro nacional de investigação e formação**, globalização e desenvolvimento profissional do professor. Lisboa: Eselx, 2000. Disponível em:<www.educ.fc.ul.pt>. Acesso em: 28 de dez. 2014.

COSTA, Antônio Carlos Gomes. **O professor como educador: um resgate necessário e urgente**. Salvador, 2001. Disponível em:<http://www.certifica.org.br/arquivos/ba/pd/exame_1/O_Professor_como_Educador_23082004.pdf>. Acesso em: 20 de jun. 2015.

CUNHA, M.I (org.). **Pedagogia Universitária: Energias emancipatórias em tempos neoliberais**. Araraquara, SP: Junqueira e Marin, 2006.

CURY, Augusto J. **O futuro da humanidade: A saga de um pensador**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ESCLARIN, P. A. **Educar para humanizar**. São Paulo: Paulinas, 2006.

FISCHER, M. C. B. Mãos que pensam e sentem e pensamentos que fazem e sonham: O aluno trabalhador. In **Programa Integrar: construindo práticas educativas cidadãs.** (pp.29-31). Porto Alegre: Programa Integrar\ CLT, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia e autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** 37ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa.** São Paulo, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GOMÉZ, P. ; SACRISTÁN, G. **Compreender e transformar o ensino.** 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

MARINA, J. A. **Teoria da inteligência criadora.** Lisboa: Caminho, 1995.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas da geografia e cartografia temática.** São Paulo: Contexto, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

NUNES, P. A. **Educação inclusiva e igualdade social.** São Paulo, 2006.

PEREIRA, OP, ALMEIDA TMC. **A formação médica segundo uma pedagogia de resistência.** Botucatu, Interface, v.9, n.16, fev. 2005. Disponível em: <www.scielo.br>. Acesso em 10 jan. de 2015.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. (Org.) **Docência no Ensino Superior.** São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PUIG, J. M. **Ética e valores: Métodos para um ensino transversal.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

SANTOS, Júlio César Furt dos. **O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa.** 2010. Disponível em:<<http://www.famema.br/ensino/capacdoc/docs/papelprofessorpromocaoaprendizagensignificativa.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

SEVERINO, A. J. **A razão de ser da filosofia no ensino superior.** In: Anais do XIII ENDIPE. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

TEIXEIRA, A. S. **Educação não é privilégio.** São Paulo: Nacional, 1997.

TONIOLO, J. M. S.; HENZ, C. I. **Os processos de humanização na formação e na prática de professores.** 2012. Disponível em:<<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/011e5.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2015.

ROSA, Ubiratan. **Mini Dicionário da Língua Portuguesa .** São Paulo: Rideel, 2000.

VYGOSTSKY, I. S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.